

135

ORLANDO DE M. CARVALHO — Nasceu Orlando de Magalhães Carvalho em Pouso Alegre em 20 de novembro de 1910. Filho de José Pinto de Carvalho e d. Alcina de Magalhães Carvalho, fez o curso primário no Grupo Escolar de Passos. cursou humanidades nos Ginásios de Muzambinho, Pouso Alegre e Santa Rita do Sapucaí. Vindo para Belo Horizonte, diplomou-se em direito pela Faculdade de Direito, incorporada à Universidade de Minas Gerais. Viajando para a Europa, dedicou-se ao "Cours de Civilisation Française", em Sorbonne



Orlando de M. Carvalho

(Paris). Regressando ao Brasil, fixou-se em Belo Horizonte, ingressando na advocacia e no magistério. Exercendo uma cátedra, interinamente, na Faculdade de Direito, disputou em concurso a cátedra de Teoria Geral do Estado, que alcançou, brilhantemente. Vice-reitor da Universidade de Minas Gerais, no triênio 1952-1954, foi re-eleito para o mesmo cargo no triênio 1955-1957. Um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, é dela catedrático de língua e literatura francesas. Foi secretário de Estado no governo Milton Campos, tendo ocupado a pasta da Educação. Além de numerosos trabalhos, publicados pela imprensa, firmou, até à presente data, vários livros, entre os quais se

notam os seguintes: "O Município Mineiro em face das Constituições" (1932); "Resumo de Teoria Geral do Estado", 1º volume (1941); "Resumo de Teoria Geral do Estado", 2º volume (1942); "O Mecanismo do Governo Britânico" (1950); "A Crise dos Partidos Políticos" (1950); "Caracterização da Teoria Geral do Estado" (1953). Foi eleito para a Academia Mineira de Letras em março de 1955 em votação unânime. Estudioso profundo dos problemas políticos, vibrante incentivador de organizações culturais, desce a minúcias, conferindo a tudo sentido censitário. Publicista de renome, sociólogo, jurista, constitui, na atualidade; um dos valores mentais mais altos de Minas, e, por isso mesmo convocado sempre para certamens de relevos relativos ao engrandecimento de Minas e da nacionalidade. É o terceiro sucessor na cadeira n. 35, da Academia. Não foi ainda empossado. Deverá ser recebido no sodalício pelo acadêmico Mário Casasanta.

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)

126

NAVANTINO SANTOS — Fundador da cadeira n. 35. para a qual foi eleito em 1910, aos 25 anos de idade. Nasceu em Cataguazes em 26 de julho de 1885 e faleceu em Belo Horizonte em 10 de abril de 1946. Era filho de José dos Santos Júnior e d. Guilhermina Chaves dos Santos e cunhado do educador mineiro Antonio Amaro Martins da Costa, todos falecidos. Fez o curso primário na cidade natal, seguindo para Barbacena, onde, no Ginásio Mineiro, cursou humanidades. Vindo para Belo Horizonte, diplomou-se em 1905, na Faculdade de Direito, mais tarde incorporada à Universidade de Minas Gerais. Nomeado promotor de justiça da comarca de Ubá, aí serviu algum tempo. Reconduzido ao cargo, serviu algum tempo na comarca de Rio Branco, hoje Visconde do Rio Branco. Ingressando na política, foi eleito deputado estadual, deixando nos anais da Câmara Estadual a prova de sua vigorosa e cintilante individualidade. Nomeado advogado geral do Estado, exerceu as funções com brilho. Exerceu pouco depois as funções de diretor da Escola "Alfredo Pinto", cabendo-lhe o ensejo de introduzir reformas no educandário. Por último, era consultor jurídico do Estado, cargo que vinha exercendo com elevação e



Navantino Santos

fulgôr, quando veio a falecer. Navantino Santos era jornalista brilhante, combativo, rico de idéias, dotado de vasta e aprimorada cultura. Em Cataguazes, fundou dois jornais; "O Arauto" e "A Evolução". Imprimindo às duas folhas a experiência e o fascínio de sua pena, deu ao jornal do interior inusitado brilho. Colaborou em numerosos jornais de Minas, do Rio e de São Paulo. Publicou "Pareceres", quando exercia o cargo de consultor jurídico do Estado. Todos os seus trabalhos se acham esparsos pelos jornais. "Causeur" finíssimo, espírito ágil, tivera o seu nome lembrado várias vezes, quando da fundação da Academia. Veio, afinal, a ser eleito, muito embora fosse na época o escritor mais jovem de Minas, depois de Gilberto de Alencar. Admirador de João Pinheiro, por cuja mão ingressara na política, trouxe para o sodalício o nome do grande mineiro, de quem pretendia escrever a biografia, plano que não conseguiu esboçar por circunstâncias alheias à sua vontade. Navantino Santos era um esteta perfeito, senhor de palavra elegante, cuidada, cheia de imagens imprevistas. Seus restos mortais repousam em Cataguazes.